

Leonardo Affonso de Miranda Pereira e Sidney Chaloub (orgs.). **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (Coleção Histórias do Brasil).

**Obra traz dispensável tom narcisista**

A *História Contada*, coletânea organizada por Sidney Chaloub e Leonardo Affonso Pereira, cai na tentação de confundir literatura com testemunho histórico

por Ligia Cademartori

A *História Contada* poderia ser um livro muito interessante se, ao tratar a literatura como testemunho histórico, levasse em conta o que há de polêmico em tal enfoque. Em vez disso, os autores preferiram o caminho fácil da desqualificação de quem pensa diferente. É pena.

A relação entre a literatura e a história constitui tema rico e com imensa produção intelectual a respeito, uma vez que, inevitavelmente, é posto em pauta pelas diferentes correntes teóricas. A questão é densa e não se resolve com a mera declaração de que se vai tratar o texto literário do mesmo modo que se trata um registro de atas. Ninguém ignora que existem diferentes graus de ambigüidade num e noutro discurso e o quanto são diversas as relações que cada um estabelece com o real.

Do mesmo modo, considerar cada autor e cada obra como produto de “seu tempo” e de “seu país” é assentar o estudo em um princípio demasiado problemático para ser apresentado apenas como uma intenção. Manter presente o conflito das interpretações a esse respeito teria conferido maior vigor à eleição metodológica dos autores, por mais anacrônica que ela seja, característica que eles mesmos reconhecem na apresentação do livro.

Machado de Assis representa o Brasil do final do século passado? Será que Jorge Luis Borges caberia no enquadramento “argentino nascido às vésperas do século vinte”? Que relação mantêm com — digamos — o caráter nacional em dada época um Fernando Pessoa, um Goethe, um William Shakespeare? Dizer que, por meio do escritor, fala um povo é regredir à concepção romântica e valorizar com exagero a geografia. A literatura é patrimônio da humanidade exatamente por transpor os limites de um determinado povo em uma certa época.

Os ensaios que compõem o livro organizado pelos professores da Universidade de Campinas (Unicamp) contemplam de modo especial a obra de Machado de Assis. Não distinguem, porém, o Machado cronista, a exercer sua função de observador de costumes no jornal, do romancista que trouxe à nossa literatura um pulsar filosófico que não existia antes dele.

O fato de a escolha da maioria dos ensaístas recair sobre Machado acaba tendo o efeito de uma auto-ironia. Os elementos históricos e sociológicos são ricos e abundantes na obra machadiana, mas não transpassam um certo nível da narrativa. São inúmeras as referências do autor de Esaú e Jacó a datas da história do Brasil, desde fatos políticos de grande significação até eventos menos conhecidos. A ficção de Machado, porém, não está voltada para a ilustração de tais fatos, como ocorre em algumas narrativas românticas. Pelo contrário, como pode bem observar o leitor atento, são as abundantes alusões históricas que ilustram a parábola dos dois irmãos e daqueles que os circundam.

As interpretações que as personagens machadianas fazem dos fatos históricos são, no contexto narrativo, mais importantes que os próprios fatos. Antes que a história do Brasil, interessa ao universo narrado o sentido relativo dos fatos históricos — sempre dependentes do ponto de vista de um sujeito — e o complexo processo de doação de sentido e seus efeitos.

Em contrapartida, e em favor da perspectiva histórica, pode-se dizer que a própria noção de sujeito não pode prescindir do marco histórico, uma vez que as formas de consciência não são

atemporais nem indiferentes às contingências de espaço. Nesse caso, porém, o ponto de partida deve ser a constituição de uma subjetividade no romance, filtro e relativização de tudo o que nele é dito.

Fredric Jameson já alertou que não se ganha nada opondo a história à linguagem para discutir sobre a prioridade última de uma sobre a outra. Não se trata disso. A história, como afirma o crítico americano, não é um tipo de conteúdo, mas a inexorável forma dos acontecimentos, uma espécie de causa ausente. Sendo assim, só pode ser apreendida por meio de seus efeitos, e nunca diretamente.

O que é preciso levar em conta é que os fenômenos históricos se refletem na literatura, sim, mas como um objeto diante de um espelho que se partiu em múltiplos fragmentos. A correspondência não é linear. Alice continua do outro lado do espelho.

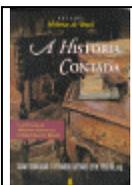
---

Ligia Cademartori

Doutora em Teoria Literária pela UnB

\* Publicado no Correio Brasiliense de 30 de agosto de 1998.

---



### Uma leitora diante do espelho

Auores do livro *A história Contada* discutem resenha de Ligia Cademartori.

por Leonardo Affonso de Miranda Pereira e Sidney Chalhoub

A resenha de Ligia Cademartori sobre a coletânea *A História Contada*. Capítulos de história social da literatura no Brasil, publicada no Correio Braziliense no dia 30 de agosto, faz lembrar de Jacobina, personagem de um conto de Machado de Assis, "O espelho". Certa vez, alguns rapazes encontravam-se reunidos para discutir questões metafísicas variadas, até empacarem numa controvérsia interminável sobre a natureza da alma humana. Jacobina, sujeito calado e casmurro, interveio pela primeira vez na conversa, narrando um episódio que ocorrera com ele mesmo anos antes. Acabara de receber a patente de alferes da Guarda Nacional; era festejado por familiares e amigos. Acostumou-se a ser gabado e tratado por "Seu alferes", "Nhô alferes" etc. Foi então visitar uma tia velha que lhe queria prestar homenagem. Após alguns dias de "Seu alferes" prá cá, "Seu alferes" prá lá, cortesias, homenagens e presentes – entre os quais um espelho enorme colocado em sua alcova –, a tia precisou se ausentar e levou junto a parentela. Jacobina ficou tomando conta da casa e dos escravos. Logo em seguida, os escravos fugiram, deixando Jacobina sozinho na propriedade. O homem quase enlouqueceu. De repente, ninguém mais lhe chamava "Seu alferes", "Nhô alferes", o mundo exterior se esvaíra. Após muito padecer, Jacobina reencontrou o seu equilíbrio interior: vestiu a farda de alferes e passou a mirar-se horas a fio, diariamente, no espelho da alcova.

Ao ler *A História contada*, Ligia Cademartori quis mirar-se ao espelho. A autora, doutora em teoria literária pela UNB, ataca o suposto "tom narcisista" do livro, acusando seus organizadores de trilhar "o caminho fácil da desqualificação de quem pensa diferente". Por ironia, parece ser exatamente o que faz em sua crítica. Definindo no subtítulo do artigo que caímos na "tentação de confundir literatura com testemunho histórico", coloca-se já de início em um ponto de vista que explica a profunda irritação que lhe causou a leitura da apresentação do volume – o que

aparentemente impediu a resenhista de aventurar-se pelos doze artigos que constituem o livro, aos quais não faz sequer menção. Ao deparar-se com uma postura frente à literatura muito diferente da reverência com a qual parece tratar as obras literárias - definidas pomposamente por ela como um "patrimônio da humanidade" - preferiu fechar os olhos para uma forma de lê-las que, embora não anule as demais, pode abrir ao leitor novas formas de compreensão de romances, contos, poesias e crônicas. Acabou, assim, por formar uma interpretação equivocada do livro, dando a entender que seus organizadores fariam da literatura um simples reflexo da realidade.

Os próprios artigos que compõe o volume evidenciam, porém, estar presente nele um impulso muito diverso daquele que lhe foi imputado pela crítica. Embora estejam atentos para o tempo e o lugar nos quais foram produzidas as obras literárias, todos os autores da coletânea mostram uma preocupação constante em não tomá-las como descrições fiéis e neutras de determinada realidade, mas sim como produtos de um embate social do qual seus autores faziam parte mesmo quando simulavam não fazer. É esse procedimento que permite, por exemplo, que Jefferson Cano possa ver nos romances de Machado de Assis uma tentativa de interpretação da história do Brasil, em diálogo direto com os historiadores de seu tempo. Do mesmo modo, podemos ver no artigo de Margarida Neves como Mário de Andrade, pensando a si mesmo como "intérprete" do Brasil, fazia de sua obra um meio de definição da imagem que tentava construir para o país. Vendo os literatos como sujeitos da história, trata-se de buscar as redes de diálogo a partir das quais foram construídas suas obras, na tentativa de enraizá-las socialmente para formar sobre elas uma compreensão mais aprofundada.

O que nos importa é investigar o sentido que os textos literários podem ter tido para seus contemporâneos, fugindo dos julgamentos estéticos definidos por uma história da literatura brasileira que define cânones e marcos diversos. Isso explica por que aparecem no volume, com o mesmo destaque, escritores consagrados como José de Alencar, cujas crônicas são o tema do artigo de Sílvia Souza, e desconhecidos literatos como o jovem Luiz Gama – poeta negro que tem o seu único livro de versos satíricos analisado por Elciene Azevedo. Segue-se daí a indistinção, que tanto parece ter incomodado Ligia Cademartori, entre as crônicas e romances de Machado de Assis, tratados em diferentes artigos do livro por Sidney Chalhoub e Lúcia Granja. Sendo ambos testemunhos do autor, que constrói em suas colaborações periódicas nos jornais narradores tão elaborados quanto os de seus romances, tornam-se passíveis do mesmo tipo de leitura. Para além de alguma "filosofia" que porventura possa haver nesses textos, trata-se de buscar a forma como cada autor intervém nas questões de seu tempo.

Longe de desqualificar qualquer outra possibilidade de leitura dos textos literários, A História Contada somente propõe, assim, uma forma particular de encará-los. Para compreendê-la, porém, seria necessário que a resenhista se despedisse dos preconceitos que, à moda de Jacobina, a fizeram buscar a própria imagem refletida no espelho.

---

Leonardo Affonso de Miranda Pereira  
Sidney Chalhoub

\* Publicado no Correio Braziliense de 20 de setembro de 1998.